



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA/PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA LETRAS – PORTUGUÊS**

A INTERTEXTUALIDADE ENTRE O *EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO E A BÍBLIA SAGRADA

MYLLENA DE CARVALHO BERNARDO VASCONCELOS

**GUARABIRA
2019**

MYLLENA DE CARVALHO BERNARDO VASCONCELOS

A INTERTEXTUALIDADE ENTRE *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO E A BÍBLIA SAGRADA

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa.

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V331i Vasconcelos, Myllena de Carvalho Bernardo.
A intertextualidade entre o evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago e a bíblia sagrada [manuscrito] / Myllena de Carvalho Bernardo Vasconcelos. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Evangelho Segundo Jesus Cristo. 2. Bíblia Sagrada. 3.
Análise Intertextual. I. Título
21. ed. CDD 801.959

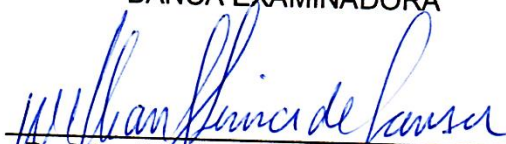
MYLLENA DE CARVALHO BERNARDO VASCONCELOS

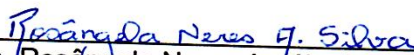
**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE O EVANGELHO SEGUNDO JESUS
CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO E A BÍBLIA SAGRADA**


Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Guarabira: 27 de 11 de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientador


Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador 1


Prof. Dr. João Paulo Fernandes
Universidade Federal da Paraíba
Examinador 2

Ao meu esposo, família, que acreditaram em mim para a conclusão deste trabalho, e a minha avó Odete José de Aquino Salviano (*in memoriam*), dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem Ele eu não teria conseguido chegar até aqui.

Ao meu esposo, Lucas Vasconcelos, que sempre acreditou tanto em mim e nunca deixou de me incentivar, muito obrigado meu amor.

Aos meus pais, Assis Salviano e Luciana de Carvalho que sempre se dedicaram tanto para me darem uma educação de qualidade, essa conquista é de vocês também. A minha irmã, Kelleyana de Carvalho, que sempre foi meu exemplo, me ajudando sempre no que eu precisava, obrigada.

Ao meu orientador, Professor e Doutor Willian Sampaio, obrigada por toda paciência e por acreditar na minha capacidade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram na minha formação, gratidão.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise intertextual entre a obra *O evangelho segundo Jesus*, de José Saramago, romance que nos traz a reelaboração da história de Jesus e a Bíblia Sagrada. Ao ler os textos, percebemos que, apesar das diferenças, o romance se relaciona diretamente com os textos sagrados. Nossa pesquisa está alicerçada nas seguintes contribuições teóricas e críticas: Leyla Perrone-Moisés (1978), Julia Kristeva (2005), Antonio Candido (2008), Northrop Frye (2004), Georg Lukács (2009) e Erich Auerbach (2004). Todo material utilizado para esta análise foram lidos e fichados. Somente após as leituras foi que partimos para o processo analítico das obras. Essa pesquisa possibilita uma análise intertextual, demonstrando como ocorre o processo de absorção e transformação de uma narrativa.

Palavras-chave: Análise intertextual. *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Bíblia Sagrada.

ABSTRACT

This work aims to perform an intertextual analysis between a work *The gospel according to Jesus*, by José Saramago, a novel that brings a reinterpretation of the history of Jesus and the Holy Bible. In reading the texts, one notices that despite the differences, or the romance is directly related to the sacred texts. Our research is centered in the following theoretical and critical contributions: Leyla Perrone-Moisés (1978), Julia Kristeva (2005), Antonio Candido (2008), Northrop Frye (2004), György Lukács (2009) and Erich Auerbach (2004). All material used for this analysis was read and recorded. Only after the readings did we leave for the analytical process of the Works. This research enables an intertextual analysis, demonstrating how the process of absorption and transformation of a narrative occurs.

Keywords: Intertextual analysis. Gospel According to Jesus Christ. Holy Bible.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. Intertextualidade: um fenômeno inerente ao objeto literário	12
3. Intertextualidade: As semelhanças e diferenças entre o Cristo bíblico e o Cristo saramaguiano	14
4. Conclusão	26
Referências	27

Introdução

Esta pesquisa pretende realizar uma análise intertextual entre *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, e alguns fragmentos do texto bíblico referente à figura de Jesus. O romance propõe uma reelaboração da história de Jesus Cristo, ou seja, desde a sua concepção até a crucificação. Porém, Saramago traz na sua obra uma nova perspectiva sobre a tradicional história de Jesus, o romancista nos apresenta o personagem divino de maneira mais humanizada possível: um homem com vontades, sentimentos e desejos carnis. Por meio desse diálogo entre os textos, pretendemos realizar uma leitura intertextual das obras, destacando as semelhanças e diferenças entre as tramas.

O evangelho segundo Jesus Cristo é uma das obras mais polêmicas de José Saramago. Sobre o enredo do romance, desde o momento da anunciação do nascimento de Jesus à Maria até a sua crucificação, o autor foge totalmente da tradicional história bíblica. A humanização de Jesus se dá desde o seu nascimento: “O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio.” (SARAMAGO, 2017, p. 81). Além de Jesus, o romance nos apresenta uma versão contrária da que conhecemos religiosamente do bem e do mal, vemos um Deus vingativo e um Diabo amigável e somos surpreendidos quando Saramago nos apresenta esses três personagens juntos, algo que não ocorre no livro sagrado. A partir deste encontro, Jesus se opõe a vontade do Criador e tenta controlar os planos de Deus. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* teve como principal crítica o fato de Saramago ter usado de sua própria interpretação dos Evangelhos da Bíblia (Mateus, Marcos, Lucas e João) que contam a história de Jesus. Entendemos o processo de autonomia do objeto artístico; contudo, para muitos católicos, protestantes e outros religiosos, a obra saramaguiana é considerada uma blasfêmia.

Segundo Leyla Perrone-Moisés (1978), “a literatura sempre nasce da literatura”, por essa perspectiva, tomamos aqui a Bíblia como texto literário e manancial para a literatura em geral. Após a leitura da obra de Saramago, percebemos uma absorção e transformação da história de Cristo, na Bíblia. Por esse viés, delimitamos nossa pesquisa em uma análise intertextual entre o romance e o texto

sagrado. Uma questão que nos chama atenção, diz respeito ao modo como o autor do romance reescreve o relato dos acontecimentos envolvendo a vida de Jesus Cristo.

Mediante ao que foi exposto anteriormente, ou seja, uma análise intertextual, esta pesquisa está alicerçada nas contribuições de Julia Kristeva (2005), e o seu entendimento sobre o conceito de intertextualidade. A autora descreve que o texto literário sempre absorve e transforma algo existente no campo literário. Essa contribuição é significativa para o estudo, pois observamos este fenômeno entre o texto saramaguiano e o código bíblico. Outras contribuições serão importantes no decorrer da pesquisa, tais como: Leila Perrone-Moisés (1978), Antonio Candido (2008), Frye (2004), Lukács (2009), Auerbach (2004). Com base nos princípios teóricos descritos anteriormente, procuraremos demonstrar por meio de um estudo intertextual os traços de semelhanças e diferenças entre os textos em análises.

A Bíblia, tomada como texto literário, é pouco utilizada no meio acadêmico. Um número muito restrito de professores trabalha o texto bíblico como material literário. Desse modo, se faz necessário problematizar o uso das tramas bíblicas na literatura em geral. Leyla Perrone-Moisés (1978) descreve que o texto bíblico é uma das fontes primárias para os literatos; Northrop Frye (2004) estabelece dois ramos de influência para a literatura ocidental: a mitologia grega e a Bíblia. Estes dois analistas sinalizam para a importância do diálogo entre o códice Bíblico e os textos literários. Em nosso estudo, observamos a utilização explícita da Bíblia na obra de Saramago; mas, outras obras irão dialogar de forma implícita e usando trechos desconhecidos do grande público. Por essa perspectiva, se faz necessário uma discussão pontual sobre a Bíblia, tomada como literatura, e o seu potencial intertextual na literatura ocidental. Mediante essa visão, justificamos o estudo proposto sobre *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago.

O romance em questão é uma obra de grande polêmica devido sua contrariedade ao relato descrito na Bíblia. Tendo em vista esse empasse, observamos um número diminuto de trabalhos acadêmicos realizados em torno dessa obra. Em “Reflexão crítica sobre o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*”, Carlos Henrique Silva (1992) traça um panorama da obra de modo genérico, ou seja, aborda alguns traços estruturais do texto saramaguiano e sua relação com o texto bíblico. Silva (1992), por elaborar uma visão panorâmica da obra, não aprofunda em uma

categoria específica; assim, não observamos uma utilização pormenorizada referente ao código sagrado do cristianismo.

Um estudo que dialoga drasticamente com a Bíblia é: *A ética em O evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago*, de Cibele Lopresti Costa (2008). A autora elabora uma relação arquetípica entre o Cristo bíblico e o Cristo saramaguiano, observando o padrão ético de ambos. Isso é possível pelo foco narrativo da obra; pois, podemos observar os procedimentos éticos do Cristo bíblico e o comportamento ético do Cristo humano, de Saramago. Este texto analítico aproxima-se de nossa intenção investigativa, mas não evoca um exame intertextual. Mediante ao exposto, observamos que nossa proposta analítica é passível de realização, pois pretendemos realizar um estudo intertextual que evoca as semelhanças e diferenças entre a Bíblia e um romance do século XX.

Observando o diálogo entre os textos, tomamos como teoria primária para o estudo o conceito de intertextualidade, de Júlia Kristeva (2005). Este modelo teórico será extremamente colaborativo para o entendimento de nossa proposta analítica; pois, pretendemos estabelecer uma comparação entre o Cristo bíblico e o Cristo saramaguiano. Kristeva aponta que a intertextualidade é absorver e transformar um texto. Isso ocorre pontualmente no romance de Saramago concebido no século XX. Como descrito anteriormente, teorias secundárias serão de grande serventia para o desenvolvimento desse estudo e uma melhor compreensão dos romances escritos no século XX.

Esta é uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, deste modo, o material utilizado para o cumprimento da análise foi retirado de livros e sites especializados em literatura na internet. Primeiramente, os textos ficcionais foram lidos e fichados, sendo possível assim uma melhor compreensão diante das partes destacadas e que serão utilizadas no momento analítico. Após observar o diálogo entre as estruturas textuais (Bíblia e romance), partimos para a escolha dos princípios teóricos e críticos que nortearam nossa análise. Somente após as leituras preliminares é que partimos, de fato, para o processo analítico das obras.

De acordo ao que foi exposto, esta pesquisa apresentará e discutirá os seguintes tópicos:

- **Intertextualidade: um fenômeno inerente ao objeto literário.** Faremos uma discussão sobre o conceito de intertextualidade na visão de Kristeva e destacaremos os seguintes pontos: definição e como ela influencia na obra de José Saramago. Teorias secundárias serão discutidas conjuntamente.
- **Intertextualidade: As semelhanças e diferenças entre o Cristo bíblico e o Cristo saramaguiano.** No momento analítico, iremos demonstrar as semelhanças e diferenças centrais entre o romance de Saramago e o texto bíblico.

1) Intertextualidade: um fenômeno inerente ao objeto literário

Podemos imaginar como se dá a construção de uma história em uma obra literária. A leitura sempre possibilita interpretar e vislumbrar um novo paradigma para uma narrativa. O ato de ler nos permite imaginar, problematizar e sugerir uma proposta de análise para um objeto artístico. A reflexão sobre uma obra literária pode influenciar não só nossa concepção de mundo, como também nossas atitudes. As narrativas que lemos, sempre evocam um outro texto, como se uma história se cruzasse com outra, mais outra, e assim sucessivamente. Para Leyla Perrone-Moisés (1978), esse recurso é perceptível na literatura, ou seja, o escritor sempre recorre à tradição literária para elaborar os seus textos.

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado como a Bíblia, com os textos Greco-latinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviam de modelo estrutural e fonte de citações, personagens e situações. (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 59).

Ainda que a Bíblia seja a junção de vários livros escritos, ela sempre foi lida como uma unidade. É assim que ela tem influenciado a literatura, o comportamento e a tradição cultural do ocidente cristão. Em *Código dos Códigos: a Bíblia e literatura*, Frye (2004) inicia essa obra afirmando que a literatura ocidental é fortemente influenciada pelo códice bíblico, esta afirmação é verificável quando observamos uma

série de textos literários que dialogam com a Sagrada Escritura. ¹*Paradise Lost* (2016), de John Milton tem seu enredo sedimentado na Bíblia. Um romance moderno como *Inferno*, de Patrícia Melo; Machado de Assis e outros grandes vultos da escrita artística irão, de alguma forma, revisitar o legado bíblico. Se passarmos em revista pela literatura concebida no ocidente, veremos que as afirmações de Perrone-Moisés e Frye são pontuais e aplicáveis em obras literárias ocidentais.

Com base nessa possibilidade referente ao encontro entre textos, o pensamento de Júlia Kristeva (2005) será significativo em nossa análise. A autora, com base em Bakhtin, concebe o conceito de intertextualidade. Para tanto, devemos entender o pensamento da autora. Primeiramente, observemos a seguinte definição: “o texto se constrói como mosaico de citações” (KRISTEVA, 2005, p. 68). Com base nessa explanação, podemos observar uma forte relação com a definição de Perrone-Moisés; pois, a junção desses dois pensamentos implica um diálogo constante entre obras.

A metáfora do ²mosaico também deve ser entendida. A imagem criada por meio dessa criação artística (mosaico) é possível devido ao encontro de várias imagens em conjunto. Mediante essa perspectiva, uma série de citações irá compor uma imagem total. Entretanto, essa imagem total só é visível devido ao agrupamento das pequenas imagens. Uma obra literária, no entendimento de Kristeva, está alicerçada nessa metáfora do mosaico. Contudo, uma obra pode conter uma variedade de menções diferentes. Em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago, temos um mosaico de citações sobre Jesus; mas, de um modo diferenciado referente ao texto bíblico.

Ao reelaborar o conteúdo de um texto A, o texto B se encaixa em outro pensamento de Kristeva, ou seja, “todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. (KRISTEVA, 2005, p. 68). É como quando olhamos um quadro de mosaico, uma forma se encaixa com a outra, uma cor vai dando lugar a outra, assim é na literatura, é como se um texto fosse dando espaço para a construção de outro, cada um dando seu fragmento, deixando sua contribuição para uma nova obra literária.

De modo explícito, na obra saramaguiana, temos uma absorção do texto bíblico, entretanto, isso não ocorre de modo simples, o autor português absorve os

¹ Paraíso Perdido

² Decoração que se faz pela reunião de pequenas peças coloridas de vidro, de pedra ou de outro material.

traços da narrativa bíblica e transforma o conteúdo e o comportamento do personagem principal, ou seja, Jesus Cristo. Mediante essa explanação, partiremos para o momento analítico desta pesquisa.

2) Intertextualidade: As semelhanças e diferenças entre o Cristo bíblico e o Cristo saramaguiano

Em *O evangelho segundo Jesus Cristo* de, José Saramago, o autor nos traz o personagem de Jesus de maneira humanizada, e não como o Deus que somos constantemente apresentados: onisciente, onipotente, onipresente. Diferente do Jesus religioso, um ser que sabe o propósito de seu nascimento; a obra saramaguiana retrata justamente o oposto, Jesus nasce como qualquer homem que busca sua razão de viver, objetivos, e mesmo depois de ser apresentado ao seu destino: a crucificação, busca se opor a vontade de Deus, seu pai. Esse processo de humanização é próprio da epopeia burguesa do século XX. No processo de absorção e transformação, devemos ter em mente essa concepção de obra de arte. Lukács (2009), define o herói da epopeia burguesa com o demoníaco, ou seja, não há mais um vínculo cósmico entre o herói e uma deidade. O Jesus saramaguiano será uma personagem que dialoga com essa tipologia, ou seja, um ser parcialmente diferente do personagem da Sagrada escritura.

Jesus, na bíblia, é visto como a pessoa na qual Deus escolhe para salvar a humanidade. Concebido de modo miraculoso, tomará como emblema principal o projeto de salvar a humanidade. Gradativamente, Jesus toma consciência de seu papel na mortalidade, aceita sem questionamentos, é um homem sem desejos humanos, visto como santo e salvador. Os atributos descritos referentes ao Cristo bíblico sofrerão uma mudança significativa no texto de Saramago. A imagem de Jesus é totalmente desconstruída e uma nova lógica é criada. Sobre o nascimento, o narrador nos apresenta que Jesus veio ao mundo através do pecado original, faz questão de deixar bem evidente que Maria teve relação sexual com José para que ele pudesse ser concebido:

[...] não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria (SARAMAGO, 2017, p.25).

Ao aplicar o processo de absorção e transformação de Kristeva, temos uma primeira diferença entre os textos. No romance, Jesus é filho de José e não de Deus. Tendo em vista a maneira como ele foi concebido, Jesus perde assim a essência e a elevação espiritual como nos mostra a bíblia; o santificado cede lugar ao Jesus humano, quebrando assim os paradigmas religiosos que são preservados na tradição do cristianismo. Retomando o padrão textual do século XX, Jesus é apresentado como um ser destituído do vínculo cósmico, ele é um homem como qualquer outro.

Na Bíblia, a anunciação da vinda de Jesus se dá por um anjo que vem ao encontro de Maria. Vejamos este evento descrito no Evangelho de Lucas.

E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo: Bendita és tu entre as mulheres. [...] E, eis que, conceberás em teu ventre, e darás à luz um Filho, e pôr-lhe-ás o Nome de Jesus. (Lc, 1: 28-31)

Após essa anunciação, Maria questiona como isso ocorrerá, já que ela é virgem, e o Anjo lhe diz que: “O Espírito Santo descera sobre ti, e a Virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; por isso também o Santo, que nascerá de ti, será chamado Filho de Deus”. (Lc, 1: 34-35). Podemos assim perceber, toda uma questão de santidade e purificação. Em oposição ao romance do século XX, o herói bíblico e grego está sempre em conexão ou detém um vínculo cósmico que guia o seu modo de vida.

Em contrapartida, na obra de Saramago, um anjo caído disfarçado de mendigo (Diabo) vem pedir alimento à cancela do pátio da casa de Maria e José. Esse é quem faz a anunciação do nascimento de Jesus.

[...] Mulher, tens um filho na barriga, [...] Como soubeste que estou grávida, Ainda a barriga não cresceu e já os filhos brilham nos olhos das mães, [...] E tu quem és, para não teres precisado de ouvi-lo da minha boca, Sou um anjo, mas não o digas a ninguém. (SARAMAGO, 2017, p. 31).

Observando as duas descrições, partimos de um traço de semelhança e podemos evidenciar as diferenças. O Jesus bíblico é descrito com um teor de reverência substancial. A construção dos enunciados possibilita essa leitura; pois, há uma escolha decorosa para os termos utilizados nas orações que descrevem os respectivos nascimentos. Vejamos alguns: “Salve, agraciada” x mulher / ventre x

barriga. O rebaixamento discursivo está em conexão com o rebaixamento do personagem, desse modo, um humano como qualquer outro. O ato de rebaixar não faz menção ao ato de perverter; mas, ao que diz respeito à perda do vínculo cósmico com a deidade.

Analisando o desenvolvimento do enredo do romance, com passar dos anos, Maria percebe que, mesmo após ter tido outros filhos, o anjo não volta a aparecer para anunciar a gravidez dos mesmos; essa problemática cria em Maria uma indagação sobre a importância de Jesus. Vejamos um trecho do romance.

Maria olha seu primogênito, que por ali ainda engatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais do que uma criança igual as outras [...] (SARAMAGO, 2017, p. 125.)

Esta citação é significativa, pois Jesus não apresenta nenhum traço distintivo referente às outras crianças. Isaías aponta essa faceta do Cristo bíblico.

Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR? Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos. (Isa, 53: 1-2).

Na conceituação de Kristeva sobre intertextualidade, observamos o paradigma da absorção e transformação; não obstante, ao remodelar um texto A, nem todos os traços são contemplados ou modificados no texto B. Desse modo, nesse ponto específico, a natureza física dos dois personagens permanece similar; pois, não há nada anormal que possa indicar um atributo divino aos personagens. Analisando o nascimento e a aparência física do Jesus saramaguiano e bíblico, podemos perceber pontos de convergências e divergências entre os textos, algo natural em um estudo comparativo. Vejamos outros pormenores.

Logo após o nascimento de Jesus, José ouve dos soldados a ordem de Herodes sobre aniquilar os meninos que contarem menos de três anos. Essa passagem também está contida no texto sagrado. Na Bíblia, os magos que vieram do oriente questionam Herodes sobre o rei que nascera em Jerusalém. O tetrarca desconhecia tal evento, mas pediu aos magos que ao voltar, eles indicassem o local do nascimento do suposto rei. Herodes intenta desde já a morte do bebê celestial. Os magos não regressam e Herodes expede uma lei que ordena a morte de crianças

entre 0 e 2 anos. Mais um elemento convergente entre os textos. Em Saramago, após o conhecimento de tal decreto, José toma uma decisão: esconde seu filho para que não seja morto.

Após voltarem para casa, em Nazaré, José começou a ter pesadelos, a narrativa indica que José concentra um sentimento de culpa, ele sabia do decreto expedido por Herodes, contudo não informou aos outros pais. Após a morte de José, esse sonho é recorrente na vida de Jesus, como se fosse um castigo passado de geração para geração, uma herança maldita. O personagem descreve seu sonho.

Sonho que estou numa aldeia que não é Nazaré e que tu estás comigo, mas não é tu porque a mulher que no sonho é minha mãe tem uma cara diferente, e há outros rapazes da minha idade, não sei quantos, e mulheres que são as mães, não sei se as verdadeiras, houve alguém que nos reuniu na praça, e estamos à espera de uns soldados que nos vêm matar, ouvimo-los na estrada, aproximam-se mas não o vemos [...] de repente tenho a certeza de que o pai vem lá com os soldados, viro-me para ti, para que me defendas, embora não esteja seguro de que sejas tu, mas tu foste-te embora, e as mães todas foram-se embora, apenas ficamos nós, que então já não somos rapazes, mas meninos muito pequenos, eu estou deitado no chão e começo a chorar, e os outros choram todos, mas eu sou o único cujo pai vem com os soldados, [...] chamo por ti, que te foste, chamo pelo pai, que me vem matar [...] (SARAMAGO, 2017, p. 181 e 182).

Até então, Jesus não sabia o que sonhara seu pai, foi quando por pedido dele, e acordo feito com Maria, ela revela o teor do sonho gradativamente: “Teu pai sonha que ia de soldado, com outros soldados, a matar-te [...]” (SARAMAGO, 2017, p. 183). A partir daí, Jesus começa a interrogar sua mãe com o intuito de saber os pormenores deste pesadelo. A meta é o entendimento sobre as circunstâncias de seu nascimento e o porquê desses pesadelos recorrentes. Paulatinamente sua mãe vai lhe respondendo os questionamentos. Jesus conclui que seu pai matou os meninos de Belém. A partir dessa inferência, um sentimento de revolta surge em Jesus e uma decisão é tomada: ele decide sair de casa. Dois fatores são destacáveis neste momento da trama: 1) a reelaboração do texto e 2) a natureza humana do Cristo saramaguiano.

As tramas têm um ponto de convergência: o decreto da morte dos bebês. O texto bíblico descreve um livramento miraculoso da família do Messias: “o Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; pois já morreram aqueles que procuravam tirar a vida ao menino. (Mt, 2:19-20). Esta citação aborda o período da volta de Jesus do

Egito e após a morte de Herodes. A intervenção divina é explícita. Como descrito anteriormente, não há um evento extremamente similar no romance de Saramago, tudo ocorre sem uma interferência sobrenatural. No romance, José está servindo no templo e ouve dos soldados o édito sobre o extermínio dos bebês abaixo de três anos. Não há um auxílio angelical.

O segundo traço contido neste extrato narrativo é a percepção humana de Jesus, ou seja, sua revolta referente ao comportamento do pai. O romance relata nesse momento de descoberta, um Jesus envolto na raiva, se sente desprezível, abandonado, desesperado. Deste momento em diante, Jesus vai em busca de respostas para os seus questionamentos oníricos.

Nesse instante do enredo, o narrador faz questão de deixar claro que Jesus era um filho rebelde em sua adolescência, nos mostra também o comportamento egoísta para com a sua mãe e que sente desejos e vontades como qualquer humano. Julga Deus como o vilão da história e quis desligar-se dele, negando o seu pretensão laço divino. Jesus insistia em dizer que: “Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer [...]” (SARAMAGO, 2017, p.369).

Observando o caráter terreno de Jesus, o momento singular referente ao seu comportamento humano e desprovido de santidade ocorre quando ele encontra Maria Madalena. Jesus ia passando na cidade de Magdala, quando uma ferida que tinha no pé começa a sangrar. Ele bate na porta de uma casa, já afastada das demais e uma mulher o recebe: Maria Madalena. Na região, Madalena é uma prostituta. Jesus lhe pede ajuda, ela o conduz para dentro de casa e cuidadosamente limpa suas feridas. Vejamos como essa cena se estrutura.

Quis, porém, o destino que, passando pela cidade de Magdala, se lhe arrebatasse ali, do pé, uma ferida que andava renitente em sarar e em tal jeito que parecia o sangue não querer estancar-se. [...] Jesus chamou, Ó de dentro, [...] uma mulher apareceu à porta, [...] está mulher é uma prostituta [...] Jesus que estava sentado no chão, comprimindo a desata da ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, Ajuda-me, disse, [...] Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato-te dessa ferida. [...] Encheu de água a bacia, molhou o pano e, ajoelhando-se aos pés de Jesus, sustentando na palma da mão esquerda o pé ferido, lavou-o cuidadosamente, [...] (SARAMAGO, 2017, p. 275 e 276).

A história a respeito de Maria Madalena, biblicamente, acontece da seguinte maneira: Jesus vai a um jantar na casa de um fariseu e naquelas imediações morava

Maria Madalena, uma mulher que tinha fama de prostituta. Madalena então vai à casa do fariseu, chegando lá, ajoelha-se aos pés de Jesus, lava-os com suas lágrimas, enxuga-os com seus cabelos e lhes perfuma. Jesus, observa Maria, perdoa seus pecados e ela passa a segui-lo. O texto bíblico apresenta esse instante da seguinte forma:

E rogou-lhe um dos Fariseus, que comesse com ele e, entrando em casa do Fariseu, assentou-se à mesa. E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que Ele estava na cidade, à mesa em casa daquele Fariseu, levou um caso de alabastro com unguento; E, estando por detrás, a Seus Pés, chorando, começou a regar-Lhe os Pés com lágrimas, e os enxugava com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os Pés, e ungiu-lhos com o unguento. (Lc, 7: 36-38).

Nas duas histórias, Madalena cuida dos pés de Jesus, todavia, apesar desta semelhança, a narrativa de Saramago toma um rumo diferente. No romance, Jesus, agradecido pelo ato da mulher, pergunta o que pode fazer para recompensá-la, ela então pede que Jesus passe a noite com ela. A princípio, ele não aceita, não pelo fato de achar errado deitar-se com uma prostituta, mas por não conhecer mulher, ou seja, por ser virgem. Contudo, ela o convence e o ato sexual é concretizado. Nos momentos seguintes da obra, Saramago descreve detalhadamente as cenas de sexo entre o casal.

Como te devo agradecer, perguntou Jesus, [...] Se queres agradecer-me, fica este dia comigo, Não posso, Porquê, Não tenho com que pagar-te, [...] Não é só questão do dinheiro, Que é, então, Jesus calou-se, e voltou a cara para o lado. Ela não o ajudou, podia ter-lhe perguntado, És virgem, mas deixou-se ficar calada, à espera. [...] Não tenhas medo, disse Maria de Magdala. Enxugou-o e levou-o pela mão até à cama, Deita-te, eu volto já. [...] Maria de Magdala apareceu, nua. Nu também estava Jesus, [...] Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos, puxando-as para si, as fez passar, lentamente, por todo o seu corpo, [...] enquanto isto fazia, ia dizendo em voz baixa, quase num sussurro, Aprende, aprende o meu corpo. [...] Jesus respirava precipitadamente, [...] Aprende o teu corpo, e ele aí o tinha, o seu corpo, tenso, duro, erecto, e sobre ele estava, nua e magnífica, Maria Magdala, [...] então sentiu que uma parte do seu corpo, essa, sumira no corpo dela, [...] (SARAMAGO, 2017, p. 278 - 281).

Jesus acaba passando uma semana na casa de Madalena, tempo que levou para recuperar-se das feridas. Após esta pausa, ele segue sua viagem. Mas, nesta altura, os dois já estavam apaixonados. Antes da partida, Jesus promete à Madalena que voltará e ela por sua vez, promete deixar a vida de prostituta, e assim o faz.

Destacamos um fator relevante no enredo de Saramago: ele sempre parte de um elemento que une os textos (absorção), mas reelabora o conteúdo da narrativa

bíblica. O relato da morte dos bebês e a menção ao pé de Jesus são fragmentos unificadores entre os textos. Ao recriar a história bíblica, visualizamos um processo identificado por Auerbach (2004) como concisão textual bíblica. Em comparação com as epopeias gregas, o texto bíblico é extremamente direto em sua estrutura; o texto grego é prolixo e digressivo. Outro fator descrito por Auerbach é a possibilidade dada ao leitor da Bíblia referente à criação de histórias complementares visando equacionar as lacunas bíblicas. Ao examinar o texto saramaguiano, vislumbramos a efetivação, ou seja, a criação artística ou complemento a uma narrativa “inconclusa”. Por meio dessa leitura, Saramago parte de um elemento bíblico, recria e desenvolve uma trama que é/está lacunosa no texto bíblico.

Com base na construção proposta por Saramago, o romance concentra uma intertextualidade com o texto bíblico. A narrativa saramaguiana absorve e transforma drasticamente a composição do enredo bíblico (KRISTEVA, 2005) e os enxertos narrativos se aplicam ao pensamento de Auerbach (2004). Mediante esta perspectiva, o personagem saramaguiano é totalmente oposto ao herói da Bíblia. Na composição bíblica, Jesus é um homem santo, sem pecados, temente a Deus, amável, sendo assim, um grande exemplo de filho e homem a ser seguido. Contudo, na obra de Saramago, Jesus é um homem repleto de falhas, um homem que ao saber o seu destino, questiona as vontades de Deus e não aceita que a sua morte seja uma redenção para a humanidade. Essa discrepância entre o Jesus bíblico e saramaguiano centra-se na composição do herói do século XX, neles observamos uma “ausência” concernente ao vínculo cósmico, ou seja, o romance apresenta uma negação por parte do herói referente ao seu papel divino. (Lukács, 2009).

O maniqueísmo está presente também na estrutura narrativa das obras em análise. Este é outro momento marcante do livro, pois Saramago coloca em questão toda a “verdade” que a Bíblia descreve sobre Deus. Um leitor menos atento pode considerar esta parte do romance como um dos trechos mais absurdo para a crença cristã, pois a identidade divina é posta em julgamento e temos a presença do Diabo.

Na versão bíblica, encontramos duas vertentes de Deus: uma no Velho Testamento e outra no Novo Testamento. Vejamos os contrapontos.

O Deus bíblico	
Velho Testamento	Novo Testamento
Justiça	Amor
Violento	Brando
Sacrifícios	Misericórdia

Com base nos dados acima, Deus pode ser descrito como um ser dual se observarmos os traços de comportamento no Velho e Novo Testamento. O Deus saramaguiano, na perspectiva de Jesus, apresenta características que destoam das apresentadas acima; pois, vemos na narrativa um Deus interesseiro que escolhe Jesus como filho apenas como uma parte de seu plano e deseja reinar sobre todos os homens. Jesus explicita este entendimento no fragmento abaixo.

E por que foi que quiseste ter um filho, Como não tinha nenhum no céu, tive de arranjá-lo na terra [...] E qual foi o papel que me destinastes no teu plano. O de mártir meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar a fé. (SARAMAGO, 2017, p. 364).

Após esta menção, Jesus estabelece uma batalha discursiva com seu pai, algo diferente daquilo que acontece na Bíblia, pois, nesse caso, Jesus está destituído do viés de santidade. Um contraponto é importante: Jesus é enviado como filho de Deus para salvar a humanidade (na Bíblia), no romance Deus envia Jesus para que seja usado como uma forma de sensibilizar as pessoas para assim servirem a Ele. Este esquema aparenta uma atitude aproveitadora, Deus se utilizaria da boa-fé das pessoas e da comoção para conseguir seguidores. Jesus entende esta esquematização como um estratagema e afirma que: “A um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva. (SARAMAGO, 2017, p. 369). Na visão de Jesus, sua morte será visualizada como um *marketing* para atrair fiéis.

Essa discussão analítica nos mostra como Saramago enriquece com contrapontos o enredo bíblico, pois o texto absorvido e transformado permite novos questionamentos e novas possibilidades de leituras. No romance, Deus não passa

apenas de um manipulador, tem o poder de controlar tudo desde que nasceram os humanos. Assim como desde o nascimento de Jesus, Ele já tinha planejado a sua morte para conseguir todo o poder que queria. “Então Jesus compreendeu que viera trazido ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim, desde o princípio dos princípios [...]”. (SARAMAGO, 2017, p. 444).

Após o questionamento dos procedimentos da deidade, destacamos o papel do Diabo. Este personagem aparece em grande parte do enredo, aparenta ser uma personagem coadjuvante de Deus ou parte de Deus. Ele é representado como um “pastor” em grande parte da obra, com um papel fundamental que é mostrar a sua verdade. Mostra-se gentil e ganha a afinidade dos leitores, pois se assemelha a Deus em seus pronunciamentos, questionamentos e ensinamentos.

Diferente da Bíblia, em que o Diabo é tido como maléfico, irônico, maquiavélico, perspicaz; no romance ele é piedoso, soberano, gentil e de aparência serena. Por vezes, podemos perceber que se iguala a aparência de Deus, sendo até observado por Jesus. Em certo momento, Jesus compara Deus e o Diabo.

Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gêmeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado, mas seria uma ilusão dos olhos ou um engano por ele induzido.” (SARAMAGO, 2017, p. 366).

Como descrito por Kristeva (2005), o processo de absorção e transformação é extremamente rico, pois confunde Jesus e o próprio leitor. Toda a composição do Diabo é similar aos atributos de Deus. Na descrição de Jesus, temos um maniqueísmo ao avesso. O milenar Deus do código bíblico, um ser dual entre o Velho e Novo Testamento, mas um ser adorado e reverenciado; assume um papel de antagonista no enredo saramaguiano. Por sua vez, o Diabo, com base em seus atributos, é identificado como semelhante a Deus, na perspectiva do homem Jesus.

Um fator que merece certa ponderação é o envolvimento do Diabo com Jesus no decorrer do romance. O antagonista está presente na vida de Cristo desde o início de sua fase terrena; porém, de modo disfarçado. Destacamos que ele aparece em vários momentos decisivos da jornada terrena de Jesus. Separamos três momentos:

- O nascimento;
- A morte de José;

- A parábola da ovelha perdida.

Mediante essa perspectiva, observamos uma reviravolta no enredo concebido na Bíblia; pois, o Diabo assume o papel de protagonista e conselheiro na estruturação narrativa proposta por Saramago.

Por fim, analisaremos o encontro entre Deus, Jesus e o Diabo na trama saramaguiana. Em uma conversa entre as três entidades acima citadas, podemos facilmente perceber a severidade de Deus e a leveza psicológica do Diabo. Deus conta o que irá advir após a crucificação de Jesus e outros acontecimentos. A princípio, o encontro começa apenas com Deus e Jesus. Neste momento, Jesus estabelece os seguintes questionamentos: quem sou eu e qual o meu papel no contrato elaborado por Deus. Vejamos essa cena.

O deserto abre-se aos passos de Jesus, [...] Uma nuvem da altura de dois homens, que era como uma coluna de fumo girando lentamente sobre si mesma, estava diante dele, e a voz viera da nuvem. Quem me fala, perguntou Jesus, arrepiado, mas adivinhando já a resposta. A voz disse, Eu sou o Senhor, [...] Trouxeste-me aqui, que queres de mim, perguntou, Por enquanto nada, mas um dia hei-de querer tudo, Que é tudo, A vida, [...] E a minha vida, quere-la para quê, Não é ainda o tempo de o saberes, ainda tens muito que viver, [...] Tornarás a encontrar-me quando estiverdes preparado, [...] Posso levar a minha ovelha, [...] Não, Porquê, Porque ma vais sacrificar como penhor da aliança que acabo de celebrar contigo. (SARAMAGO, 2017, p. 260 e 261).

Neste encontro, Deus revela a Jesus ser seu pai; “Deus fez, compassado, um gesto afirmativo com a cabeça e disse, Sim, és meu filho, [...]” (SARAMAGO, 2017, p. 363). Jesus questiona como pode um homem ser filho de Deus, se ele vive como um homem qualquer, come, anda, dorme e um dia morrerá. Outro questionamento converge para a necessidade de Deus em ter homens para ajudá-lo na terra, já que sendo ele tão soberano não deveria precisar de ajuda. Recordemos que o romance em análise é uma epopeia do século XX e como tal, os heróis estão destituídos de uma relação cósmicas. Essa configuração é vista na obra de duas formas: 1) elaboração do enredo, 2) negação do herói. Até o momento da revelação da deidade, Jesus é um herói demoníaco; o leitor não observa qualquer vínculo cósmico referente à natureza do personagem. Ao ter conhecimento de seu traço divinal, Jesus expõe uma série de escusas ou negativas para tal conexão sobrenatural. Esse é um traço artístico proposto pelo autor.

Após a revelação de Deus, temos o aparecimento do Diabo. Vejamos essa cena.

As mãos agarraram-se à borda da barca enquanto a cabeça estava ainda mergulhada na água, e eram umas mãos largas e possantes, com unhas fortes, as mãos de um corpo que como o de Deus, devia ser alto, grande e velho. A barca oscilou com o impulso, a cabeça ascendeu da água, o tronco veio atrás escorrendo qual catarata, as pernas depois, era o leviatã surgindo das últimas profundidades, era, como se viu, passando todos estes anos, o Pastor, que dizia Cá estou eu também, enquanto se ia instalando na borda do barco, exatamente a meia distância entre Jesus e Deus, porém caso singular, a embarcação desta vez não se inclinou [...] Cá estou, repetiu, espero ter chegado ainda a tempo de assistir à conversa, [...] (SARAMAGO, 2017, p. 365 e 366).

Neste momento, Deus apresenta o Diabo a Jesus, que logo o reconhece, pois passou anos vivendo com ele, este estava disfarçado de Pastor. Jesus questiona se Deus tinha enviado o diabo como seu companheiro. Ao observar essa situação, Jesus expõe sua contrariedade ao descobrir que os dois (Deus e o Diabo) estavam em total acordo: “[...] tudo que interessa a Deus, interessa ao Diabo.” (SARAMAGO, 2017, p. 366 e 367). A partir daí, Deus começa a revelar a Jesus quais são seus planos. Um dos pontos é: Deus governa os Judeus há quatro mil e quatro anos e precisaria agora da ajuda de Jesus para aumentar a sua influência e se tornar deus de muito mais gente; [...] passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos [...] (SARAMAGO, 2017, p. 368). Deus revela então seu plano de matar Jesus, que não o aceita, porém, inútil é tentar se opor a vontade de Deus; [...] Tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório, [...]. (SARAMAGO, 2017, p. 369).

Jesus questiona o porquê de não o próprio Deus ir à conquista dessa gente, o mesmo diz que não poderia quebrar o pacto que havia entre os deuses. Vale salientar o conceito de transformação apresentado por Kristeva presente neste trecho, pois, na bíblia está escrito: “[...] Eu sou o Mesmo; e antes de Mim não foi formado nenhum Deus, nem o será depois de Mim.” (Isa, 43:10). Porém, no romance, Deus insiste haver outros deuses, e que seria uma falta de respeito tentar convencer aos gentios e pagãos que o deus dele é uma fraude. [...] não são coisas que um deus faça a outro, [...]” (SARAMAGO, 2017, p. 370). O autor reelabora um trecho da estruturação exposta na Bíblia.

No final da trama, uma cena é significativa: a submissão de Jesus à Deus. Deus revela que Jesus é o seu cordeiro, o qual ele mesmo levará ao altar. [...] Jesus deixou

cair os braços e disse, Faça-se então em mim segundo a tua vontade.” (SARAMAGO, 2017, p. 375). Utilização o termo epopeia “parcialmente” burguesa anteriormente devido as peripécias constantes no enredo. Vejamos os quatro momentos:

- O leitor não observa um vínculo cósmico entre Jesus e a deidade;
- Deus revela o vínculo, mas Jesus nega;
- O diabo era o “pastor” de Jesus;
- Jesus se submete ao plano de Deus.

Após demonstrar submissão a Deus, Jesus interroga o ser supremo sobre como será o futuro depois da sua morte.

Disse Deus, haverá uma Igreja, que, como sabes, quer dizer assembleia, uma sociedade religiosa que tu fundarás, ou em teu nome será fundada, o que é mais ou menos o mesmo se nos ativermos ao que importa, e essa Igreja espalhar-se-á pelo mundo até a confins que ainda estão por conhecer, chamar-se-á católica porque será universal, [...] (SARAMAGO, 2017, p. 377).

Todavia, Jesus questiona como viverão os homens, se serão mais felizes, como as pessoas chegarão até ele, Deus apenas responde que as pessoas terão esperança de uma felicidade lá no céu e de viverem eternamente com ele. Destacamos os rumos da conversa; pois, Deus começa a falar das coisas ruins as quais o Diabo viria a fazer mesmo depois da morte de Jesus. O Diabo logo o questiona:

Tudo isto farás, perguntou Jesus ao Pastor, Mais ou menos, respondeu ele, limitei-me a tomar para mim aquilo que Deus não quis. [...] não me lembro de ter sido eu quem inventou o pecado e o seu castigo, e o medo que neles há sempre. (SARAMAGO, 2017, p. 384).

A partir daí é possível notar o diabo como um anti-herói, e até mesmo uma tentativa de se tornar o grande herói da história ao tentar a Deus com uma proposta:

A minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelo que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência, como nos tempos felizes em que fui um dos teus anjos predilectos. Lúcifer me chamavas, o que a luz levava, antes que a ambição de ser iguala ti me devorasse a alma e me fizesse rebelar contra a tua autoridade, [...] se o fizeres, se usares comigo agora, daquele mesmo perdão que no futuro prometerás tão facilmente à esquerda e à direita, então acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda a parte o Bem governará, [...] (SARAMAGO, 2017, p. 390)

Neste encontro entre os três personagens, o que mais nos chama a atenção é a ideia que Saramago nos mostra um Deus altamente manipulador, ganancioso por glória e poder, e um Diabo apenas omissivo à vontade dele. Um Deus que apenas pensou na morte do seu filho como maneira de se beneficiar. Com base nos conceitos teóricos, esse trecho da trama evoca uma criação artística relevante por parte do autor; pois, observamos momentos em que há um paralelo explícito entre o romance e o texto bíblico. Nesta última cena, o termo absorção não se aplica; mas, uma transformação ou melhor: recriação.

De acordo com os princípios adotados em nossa análise do *corpus*, observamos o diálogo intertextual entre as obras. Outras menções entre os textos poderiam ser usadas na análise comparativa, entretanto, no momento em que elaboramos o fichamento dos textos, essas partes selecionadas foram tidas como relativamente relevantes.

Conclusão

A história de Jesus é conhecida mundialmente, a reelaboração dela proposta por Saramago promove uma remodelação em alguns dos personagens principais da trama bíblica. Observamos um Jesus humanizado que vai contra a vontade de Deus, seu pai; repleto de desejos carnis e pecaminosos. Deus, no romance, carrega em sua personalidade as seguintes características: ambição, egoísmo, desejo de poder. Temos um Diabo coadjuvante e transfigurado na figura de um pastor. Todos esses traços podem ser visualizados por meio de uma análise intertextual. Os conceitos teóricos associados às citações do *corpus* possibilitaram observar o processo de reelaboração de uma narrativa.

O romance de Saramago não tem como finalidade propagar os ideais cristãos, mas nos dá a oportunidade de repensarmos a história mais conhecida do mundo. Para que a história permaneça viva, é preciso recontá-la. É isso que Saramago faz, ele recria a história, abre e fecha lacunas deixadas pelo texto bíblico. Dá-nos uma nova reinterpretação da vida e morte de Jesus Cristo.

Toda essa discussão, ou seja, o desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise intertextual sobre o romance de Saramago e a Bíblia. Essa pesquisa demonstrou como ocorre o processo de absorção e transformação de uma narrativa; assim como, uma proposta analítica enviesada pelos conceitos teóricos de Júlia Kristeva.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** 7. ed. São Paulo: Nacional, 2008.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a bíblia e a literatura.** São Paulo: Boitempo: 2004.

GEORG, Lukács, 1885-1971. **A teoria do Romance:** um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica / Georg Lukács; tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. – São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009 (2ª Edição).

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, Crítica, Escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo:** romance / José Saramago. – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.